



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Educação na comunidade

Carmem Maria Aguiar

Como citar: AGUIAR, C. M. Educação na comunidade. *In:* DAL RI, N. M. ; MARRACH, S. A. (org). **Desafios da educação do fim do século**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. P131-147.. DOI: <http://doi.org/10.36311/2000.85-86738-12-3.p>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE

Carmen Maria AGUIAR¹

A educação e os processos educativos não são isolados das concepções sociais e culturais; ao contrário, entre eles existe uma forte interação, de onde brotam idéias, tipos humanos, regras, valores, modos de viver e de interpretar a vida. Nesse sentido, a educação extrapola os conceitos de ensino e aprendizado escolar, demarca caminhos para a organização da vida em sociedade e para a transmissão da cultura, e pode ocorrer em diferentes lugares e de modos variados. Além disso, depende de uma ação contínua de renovação para processar quantidades crescentes de informações, cuidando também para que elas passem por um *filtro* de qualidade.

Conhecer diferentes culturas, os modos como entendem, administram, processam e organizam a educação é um meio de desvendar, aprender e refletir sobre outras formas de ação educativa e, desta maneira, contribuir para reforçar, ou desenvolver, o caráter dinâmico e fértil que sempre deveria pautar os processos educacionais adotados em nossa própria cultura.

Este trabalho retrata alguns aspectos — como o papel da mulher e a utilização das trilhas — do processo de transmissão de conhecimentos e de socialização² em uma comunidade específica, conhecida nas povoações vizinhas como o *povo da Barra*, que vive semi-isolada numa localidade denominada Barra da Aroeira, na região Norte do Brasil. Em grande parte responsável pela sobrevivência dos membros e manutenção da cultura da

¹ Departamento de Educação Física da Instituto de Biociências - Unesp - Campus de Rio Claro - 13506-900 - SP.

² De acordo com BERGER (1973, p. 173-95), existem dois tipos de socialização, a primária e a secundária. A primária — abordada neste trabalho — é a que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. Em geral, esta é a mais importante para a vida, é básica. A segunda é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo, já socializado, em setores do mundo objetivo de sua sociedade.

comunidade, esse processo já atravessa algumas gerações e tem como âncora os afazeres cotidianos.³

O papel da mulher na Barra

O papel de destaque ocupado pela mulher, particularmente no que poderíamos chamar de estrutura de liderança ou de comando e decisão — exercendo, por extensão, influência decisiva no processo de transmissão de conhecimentos ou na educação, no sentido amplo do termo —, representa uma das características mais marcantes da organização sociocultural dessa comunidade e apenas uma das diferenças entre sua vida e a dos brancos sertanejos brasileiros, que, como eles, moram na zona rural. A importância desse aspecto para uma melhor compreensão da forma de vida dessa comunidade torna necessário traçar um pouco mais detidamente as linhas que retratam o espaço reservado à mulher.

Ao contrário das mulheres da zona rural dessa região, as mulheres da Barra são ativas socialmente, isto é, interferem — quase sempre de forma decisiva — em todas as questões do dia-a-dia. Para exemplificar, podemos tomar duas referências situadas nos extremos da ampla cadeia de relações, que ligam o cotidiano da unidade familiar ao mundo exterior (aos *estranhos*, como dizem): numa ponta, é a mulher, em geral, quem administra a *economia doméstica*, e, na oposta, é também ela quem, nas reuniões do sindicato,⁴ mais toma a palavra

³ A classificação do *povo da Barra* como comunidade é a mais adequada, considerando-se as formulações clássicas sobre o significado desse termo desenvolvidas por diferentes autores. Os moradores daquela localidade apresentam, por exemplo, as características apontadas por Olmsted (1970, p. 6-7): “... laços afetivos íntimos e pessoais entre si; uma solidariedade que parece inconsciente, uma questão mais de sentimento que de cálculo”. Da mesma forma, podem ser aplicadas as características definidas por Tönnies (1973, p. 122-3): “Comunidade é um termo que aplicamos a um povoamento de pioneiros, a uma nação. Onde quer que os membros de qualquer grupo, pequeno ou grande, vivam juntos e de modo tal que partilhem, não deste ou daquele interesse, mas das condições básicas de uma vida em comum, chamamos a esse grupo de comunidade. O que caracteriza uma comunidade é que a vida de alguém pode ser totalmente vivida dentro dela. ... As comunidades não necessitam ser auto-suficientes. ... A comunidade é ... uma área de vida social assinalada por um certo grau de coesão social. As bases ... são localidade e sentimento de comunidade. ... A importância da concepção de comunidade está, em grande medida, em ela salientar a relação existente entre coesão social e área geográfica.”

⁴ Recentemente, como resultado dos conflitos de terra, a comunidade passou a fazer parte do Sindicato do Trabalhadores Rurais daquela região.

e as decisões. Não que exista uma exclusão do homem nas tarefas cotidianas ou nas decisões *políticas*; tanto homens como mulheres participam das atividades agrícolas, dos afazeres domésticos, da coleta de frutos, da confecção de artesanatos e das reuniões do sindicato. Mas é a mulher quem controla e organiza o trabalho e as reuniões, enquanto o homem participa de modo um tanto distante, destituído de poder de decisão. É ela, enfim, quem impõe o ritmo da vida da comunidade.

Esse papel de comando não é exercido de uma forma tirânica pelas mulheres; ou melhor, não existe uma relação de domínio ostensivo, onde o homem cumpre sem discutir qualquer ordem imposta. Os homens também opinam nas reuniões do sindicato, discutem a melhor forma de executar tarefas para as quais demonstrem habilidade, como também lideram, eventualmente, alguma atividade produtiva. Mas, de um modo geral, as decisões finais são tomadas pelas mulheres.

Os homens parecem estar de acordo com essas regras de convivência. Os depoimentos dos homens revelam, de certo modo, a aceitação da gerência da mulher, que *sabe o que deve ser feito*. Indicam também o temor do advento de coisas ruins, de sofrimentos, se essa organização for alterada. Pode-se dizer que a autoridade feminina, no imaginário daquela comunidade, está vinculada a um poder desconhecido, mágico. Para reforçar essa noção, contribui fortemente o fato de que o conhecimento do uso de ervas medicinais, o poder da cura, é praticamente, com alguma rara exceção, exclusividade das mulheres (Aguiar, 1994, p. 82-84). Bandeira (1988, p. 183), em seu estudo sobre Vila Bela (uma comunidade de negros, no Estado de Mato Grosso), afirma que "... as crenças e práticas mágico-religiosas são ingredientes relevantes da formação comunitária, infiltrando-se nos acontecimentos diários e no seu cotidiano concreto". Para Eliade (s.d., p. 136),

... A descoberta da agricultura transforma radicalmente não somente a economia do homem primitivo mas antes de tudo a sua economia do sagrado. Outras forças religiosas entram em jogo: a sexualidade, a fecundidade, a mitologia da Mulher e da Terra, etc. A experiência religiosa torna-se mais concreta, quer dizer, mais intimamente misturada à Vida.

Ao falar sobre as mulheres do passado e como são hoje, um dos moradores destaca um outro fator importante para justificar a autonomia das mulheres: a força física destas, geralmente superior à dos homens, diferença que, segundo contam, era ainda mais marcante em gerações passadas. As mulheres não apenas utilizavam essa superioridade para tomar a frente das decisões como, principalmente, não dependiam dos homens para qualquer tarefa mais pesada que quisessem realizar.

Educação e transmissão de conhecimentos

Diversos depoimentos, colhidos com mulheres mais jovens, revelam sua maneira especial de ver e conviver com os homens da comunidade, permitem uma melhor compreensão sobre as regras que vigoram entre o *povo da Barra* e mostram a introdução, pelas jovens, da noção de homem ou companheiro.

Pode-se perceber, através dos depoimentos, que as mulheres, desde cedo, já esperam que os homens conheçam suas *obrigações* e dão preferência aos que conhecem seu papel. É importante destacar que, entre o *povo da Barra*, é a jovem menina quem inicia a atividade da conquista, propõe o namoro e o casamento. O indicativo crucial do destaque feminino na relação com os homens é a regra, tradicionalmente aceita e cumprida, que permite à mulher, ao casar, a escolha do local (dentro das terras da fazenda onde vive a comunidade) para construir sua casa (providência tomada pelo casal, antes do casamento) e plantar seu roçado. É sintomático que, depois de casadas, elas se referem aos seus maridos como *o homem lá de casa*. Enquanto os homens se referem a elas como *a mulher com quem sou casado*.

Esse aprendizado, tanto dos homens quanto das mulheres, sobre o papel de cada um na vida da comunidade, começa desde muito cedo. Aproximadamente por volta dos sete anos, quando as crianças já suportam caminhadas relativamente longas, passam a acompanhar os adultos em diferentes atividades, seguindo, por exemplo, para o mato junto com eles. Nestas saídas pode-se observar o procedimento das meninas em relação aos meninos. Elas são quase sempre solidárias, prontas para apoiar uma à outra; nas brincadeiras, são seguras de si e mantêm sua autonomia e independência na

relação com os meninos. Embora carinhosas, cuidadosas com eles e atentas aos perigos do mato, elas podem se juntar para segurar um menino que coloque em dúvida sua palavra. As mulheres adultas ficam atentas para que as meninas não cometam excessos. Acreditam que não se deve insultar o brio masculino, para que isso não *ferva a cabeça dele*, que é prudente evitar a força bruta sem justificativa, para que não transforme o homem *num bicho descontrolado*.

Assim, um dos principais papéis desempenhados pelas mulheres adultas no cotidiano dessa comunidade é o de educadoras, num sentido amplo do termo. É claro que os homens também participam do processo de transmissão de conhecimentos, mas a atuação da mulher é sempre mais marcante, principalmente quando está envolvido o chamado *sistema de crenças*. As mulheres brincam, ensinam, cantam, fazem versos, promovem e incentivam as freqüentes atividades lúdicas. Pode-se dizer que a transmissão de conhecimentos, neste caso, se aproxima do significado de educação adotado por Brandão (1983, p. 10-11):

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

Nas situações que requerem uma decisão ou ação rápida, as mulheres exibem bastante competência, demonstrando saber exatamente o que fazer, como agir, sem titubear. Parece haver entre elas, já enraizada, a certeza de que estão sempre fazendo o melhor que podem; para isso contribui a cumplicidade sem tréguas das outras mulheres da comunidade. São vivas e ativas em todas as circunstâncias que envolvam a coletividade, como a

realização de cultos religiosos, um parto difícil etc. Nessas ocasiões é visível o dinamismo feminino. Rapidamente reúnem-se em grupos, pequenos ou grandes; algumas vão seguindo em direção ao local necessário, enquanto outras se ocupam de providenciar os materiais que irão utilizar, e um outro grupo ainda sai noutra direção. Tudo realizado de uma forma ágil e com poucas discussões, demonstrando saber cada atitude a ser tomada nas mais diversas situações; enfim, uma organização bastante eficiente.

Educação nas trilhas

As trilhas representam um dos espaços mais significativos entre aqueles onde ocorre a transmissão de conhecimentos entre os moradores da Barra. Nelas e delas brotam muitas informações, aprendizado, surpresas e descobertas. Elas podem levar cada pessoa a vários tipos de saber, ao inusitado, ao desconhecido, às ervas que curam os seus males, às descobertas sobre a vida das plantas e animais, à preservação de sua própria vida, à comida, ou ao encontro de suas crenças. As freqüentes caminhadas, curtas ou longas, são quase sempre momentos muito especiais, quando se pode retomar o conhecido e espreitar o desconhecido. Qualquer detalhe do caminho, uma planta ou um pequeno animal, pode ser o gancho para conversas bastante ilustrativas, que os mais jovens parecem apreciar, quando os mais velhos, conhecedores de sua própria história, falam do passado e de seus hábitos. Como parte desse mesmo processo, não faltam também os jogos e brincadeiras, algumas especialmente apropriadas às caminhadas por trilhas, das quais participam tanto as crianças quanto os adultos.

Na Barra da Aroeira, as trilhas se espalham e se entrecruzam, marcando todas as direções percorridas para atender suas necessidades cotidianas. As mais visíveis, utilizadas diariamente e com bastante freqüência, são as de curto percurso: interligam as casas vizinhas onde, em geral, residem núcleos familiares (pai, mãe e filhos) e levam os moradores ao local onde pegam água para o consumo (num córrego mais próximo ou num poço de uso coletivo), ao lugar do banho das mulheres ou ao dos homens (num córrego), aos roçados, ao local de cultivo das ervas para os chás, dos legumes e verduras; algumas levam às árvores com frutas, como lima, mamão ou banana, outra vai até o local

do forno coletivo, onde se fazem telhas, outra ainda leva ao engenho de moer cana. Esses caminhos mais utilizados, ou como eles dizem, *mais batidos*, não oferecem riscos ou perigos freqüentes. O fato de ser uma passagem constante das pessoas faz com que a maioria dos animais da mata se afugente, o que não significa que, vez ou outra, cobras ou outros bichos mais ou menos perigosos — principalmente no período da seca, quando os alimentos escasseiam no mato — não se aventurem a utilizar esses caminhos.

O passo inicial do aprendizado nas trilhas se dá nos percursos de curta distância, que revelam desde cedo à criança a lide diária, o movimento constante do cotidiano. É nesses caminhos, percorridos freqüentemente pelo núcleo familiar, que a criança inicia suas descobertas sobre o mundo que a cerca, numa idade que varia entre 1 e 3 anos, ou seja, logo que possa dar os primeiros passos. Ela entra em contato com esse espaço mesmo antes disso, quando é levada no colo dos pais ou irmãos maiores. Nessas trilhas ela descobre e reforça sua capacidade de caminhar e pisar no chão descalça, aprende a evitar esbarrões fortes contra alguma vegetação dura ou espinhosa, galhos ásperos e cortantes, amostras do que vai encontrar posteriormente na mata. Aprende também a acompanhar os mais velhos, de modo a não ficar muito para trás, sozinha; se interrompe o seu andar, para brincar com algum objeto encontrado pelo caminho, precisa voltar correndo para acompanhar os demais. Na Barra, pode-se ver com, freqüência, crianças, com idade entre 3 e 6 anos, percorrendo sozinhas esses caminhos, testando sua habilidade em andar, correr, equilibrar-se e até nadar. Os pais dizem não se preocupar em deixá-las explorando os limites e curiosidades existentes nessas trilhas *domésticas*, próximas da casa onde moram, cujo percurso varia entre cerca de 100 e 1.000 metros.

As trilhas funcionam como um termômetro para verificar a evolução das crianças. Aos poucos, à medida que descobrem e testam suas habilidades e adquirem confiança, elas passam a percorrer caminhos cada vez mais longos. Passarão a conhecer um pouco mais do que existe nos matos, seus segredos, surpresas e perigos. Um mundo que transmite, segundo alguns jovens entre 7 e 12 anos, muito mal-assombro misturado com susto e medo, algo como a hostilidade. Mas o desejo natural dos jovens em enfrentar desafios e descobrir

emoções novas os atrai, nessa faixa de idade, a participar de caminhadas por trilhas que chegam a 20 km de percurso. No início só saem acompanhados dos mais velhos, mas logo partem em grupos de cerca de cinco jovens, para desafiar, enfrentar e descobrir o que lhes reservam as matas. Uma brincadeira bastante comum nessa idade é a cambota, também conhecida por pernas-de-pau; conhecem a madeira adequada para a confecção e demonstram grande habilidade e equilíbrio ao utilizá-las. Da mesma forma são hábeis no manuseio de facas, cujo uso aprendem desde pequenos.

Trata-se de uma idade em que possuem boas pernas, coragem e pouco juízo, como dizem os mais velhos. Já sabem escolher os frutos bons para a alimentação; possuem boa pontaria e sabem manusear estilingues, bodoques e outras armas parecidas; agüentam, se preciso, passar um bom tempo sem comer e são hábeis nas corridas; ou seja, possuem todas as condições julgadas necessárias pelos mais velhos para adentrarem mais fundo na mata. Um desafio que tornará esses jovens cada vez mais preparados para conviver com o mundo que os cerca.

Esse treinamento em distâncias curtas e médias, que possibilita a aquisição de conhecimentos específicos desses percursos, mas que fazem parte também das trilhas mais longas, habilita os jovens para a descoberta de conteúdos mais sofisticados. Para as caminhadas de longa distância, que podem atingir até 60 km, é necessário que se tenha um bom preparo físico e solas dos pés bem grossas. Além disso, é importante que já se tenha descoberto com que tipo de companheiros o entrosamento é melhor. Alguns jovens gostam de caminhar numa cadência equilibrada; outros preferem aventuras arrojadas, como bater um pau em caixa de marimbondo e sair correndo; alguns são mais solidários, esperam os companheiros mais lentos e alertam os mais distraídos sobre algum perigo; uns sabem defender-se melhor de animais, enquanto outros conhecem melhor a vegetação e sabem identificar bons frutos ou venenos perigosos; alguns preferem grupos que apresentam características mais lúdicas, em que as brincadeiras são mais freqüentes.

Em resumo, diferentes tipos de conhecimentos formam os requisitos básicos para se enfrentar, com certa segurança, as trilhas de longa distância. Percorrer as diferentes trilhas, ao longo de aproximadamente 10 ou 15 anos,

representa uma longa e acurada preparação e o caminho mais adequado para aprender a lidar com as diferentes situações e riscos próprios da mata fechada. Os mais velhos, *mestres* e conhecedores de trilhas de diferentes distâncias, acompanham e orientam os mais jovens durante o tempo necessário para que estes possam avaliar e decidir quando também irão iniciar suas longas caminhadas, mesmo que no princípio acompanhados dos mais velhos.

Vale lembrar que muitas das regras que orientam a vida em comunidade são apreendidas durante as caminhadas. Algo comum também entre as pessoas, no mundo urbano, que utilizam as trilhas como atividade de lazer. Alguns aspectos importantes que marcam as relações sociais se revelam durante as caminhadas, especialmente as de maior percurso, que expõem as pessoas a um convívio mais longo, às vezes em situações conflituosas. Nas trilhas da Barra, pode-se descobrir a solidariedade, iniciar a conquista para um casamento, reforçar a confiança entre companheiros ou adquirir conhecimentos essenciais para a vida, através da própria prática inerente às caminhadas ou através das histórias contadas pelos mais velhos.

Caminhar em trilhas na Barra significa também estar ao lado, bastante próximo dos matos, a cerca de 1 metro de distância, às vezes menos; expor-se a riscos que trazem conhecimentos, como quando se tem que fugir correndo ou enfrentar com um pedaço de pau uma ema com filhotes ou uma jaguatirica. Outras vezes, não há qualquer risco envolvido, como quando os mais velhos falam detalhadamente para os mais jovens sobre experiências próprias ou de outros, dos quais também ouviram contar: o perigo de tempestade, fogo, tropa de cavalo, manada de búfalo selvagem, uma vara de caititu, uma onça, etc. Saberes, enfim, entre tantos outros que podem ser apreendidos nas trilhas — caminhos percorridos por diferentes motivações e necessidades — e que formam boa parte da base dessa cultura.

O saber social e a escola

Os conhecimentos e saberes adquiridos e/ou elaborados pela comunidade a partir do convívio com a biodiversidade existente nas trilhas são múltiplos e variados. Uma peculiaridade que se pode destacar, no processo de

transmissão das informações, dos mais velhos para os mais jovens, sobre tudo o que se encontra às margens desses caminhos, é o modo de encarar a natureza, e seus usos potenciais, como um todo integrado, que inclui sua própria vida, seu cotidiano.

Nesse sentido, o foco primeiro da busca e transmissão de conhecimentos é dirigido à sobrevivência, à caracterização de animais e plantas e seus usos alimentares e medicinais. Os mais velhos mostram como identificar as espécies frutíferas, as características gerais e particulares das plantas, quais partes, e de que forma, são utilizadas como remédios caseiros. Nesse processo, as crianças vão aprendendo o nome das plantas e a qualificá-las de acordo com seu *valor nutritivo*, isto é, quais são mais importantes para sua alimentação, ou de acordo com umas aplicações na cura de doenças ou ainda aprendem a identificar o tipo de clima e terreno mais propício. Acompanham, através de observações constantes e minuciosas, a metamorfose da vegetação ao longo do tempo, as mudanças na sua coloração, que interferem tanto no valor nutritivo quanto medicinal das plantas.

Aos poucos, os *mestres* vão incorporando pequenos e importantes detalhes aos seus ensinamentos até compor um amplo quadro sobre o conjunto de vidas que integram o meio animal, vegetal, mineral, o mundo visível e também o invisível, que é considerado, pelos conhecedores da mata, como parte integrante da natureza. Parecem acreditar que é através da observação minuciosa, do convívio constante, do respeito e da comunicação direta com esses elementos, que se pode alcançar um saber mais completo, capaz de fazer a ligação entre o homem e a natureza, na formação de uma trama que une todos os seres vivos.

Para os moradores da Barra, as trilhas, as caminhadas, ou os *triêro*, como dizem, representam, conforme apontam os depoimentos e as observações feitas *in loco*, um local privilegiado — tanto na forma ou na oferta de oportunidades, quanto no conteúdo ou variedades de *saberes*— para a veiculação de uma parte importante dos conhecimentos que consideram úteis e essenciais para sua vida diária. Trata-se de um tipo de transmissão de conhecimentos, dos mais velhos para os mais jovens, tão freqüente e organizado, que lembra o funcionamento normal dos cursos em uma *instituição escolar*, só que utilizando o espaço aberto, a natureza, como sala de aula. Este ensino ao ar livre tem

objetivos claros, é transmitido por pessoas habilitadas e visa capacitar os *aprendizes* a conviver e lidar com tudo que existe na natureza, com os materiais, animais e vegetais encontrados nela; aprende-se a conhecer, compreender, decodificar e cuidar dos diferentes tipos de vida que habitam e circulam nesses caminhos, de onde tiram, de fato, boa parte da matéria-prima que sustenta sua própria existência.

Esse processo, já tradicional, explica de certo modo o que poderíamos chamar de caráter interdisciplinar do ensino veiculado na escola local, onde as professoras, membros integrantes da comunidade, tentam fazer uma ponte entre o saber coletivo e a alfabetização.⁵ Para aquelas professoras, alfabetizar significa escapar das palavras sem significado imediato, sugeridas pela cartilha, e sair da sala de aula para se aprender a grafar o nome de vegetais e objetos que se encontram atrelados ao seu mundo. Pode-se escrever nomes de animais e plantas ou mesmo palavras e frases ditas por moradores em suas conversas, que costumam girar em torno de sua história, do que ocorre no seu dia-a-dia, dos seus problemas e preocupações. Esses assuntos acabam sendo, de algum modo, abordados na escola.

Conhecedoras da realidade em que vivem, as professoras conseguiram desenvolver, juntamente com as crianças e os pais, um trabalho solidário e integrado à cultura local, espelhado no universo de seus saberes. Numa tentativa de explicar suas ações educacionais, elas dizem que todos os alunos já conhecem e sabem os nomes da maioria dos animais, plantas, pedras, areias e lugares. Acreditam na importância desse saber e também que o universo de palavras associadas a essa realidade seja grande o suficiente para formar a base do ensino do código escrito. Aliás, as próprias professoras contam que se surpreenderam, quando começaram a fazer anotações, com a quantidade e a diversidade de informações encontradas pelos caminhos, algo de que não se davam conta, talvez em função de este ser um mundo ao qual estavam muito habituadas e que encaravam de outra perspectiva, sempre associada à tradição

⁵ "A escola da Barra da Aroeira funciona desde 1985. Nessa época já haviam começado os conflitos com os fazendeiros vizinhos, na disputa pela posse da terra ... Com a interferência da Igreja ... os ânimos se acalmaram ... e a comunidade decidiu que as crianças iriam aprender a ler e a escrever. ... Em meados de 1990, devido aos muitos problemas práticos ... a escola deixou de funcionar com a relativa regularidade de antes ...". (Aguiar, 1994, p. 85-86).

oral e à inexistência de compromisso com prazos para aprendizado.

As professoras também aproveitam os desenhos que as crianças sabem fazer sobre motivos associados ao seu mundo, para ensiná-las a escrever. Neste caso, muitas vezes saem da sala de aula para rever, memorizar e tentar escrever, por exemplo, os nomes de plantas e animais. As caminhadas, então, tornam-se muito lentas. Observam atentamente árvores, folhas e flores e seguem de perto pequenos animais, como formigas e abelhas. As professoras acreditam que a observação detalhada ajuda a associar, de forma mais precisa, objetos ou seres vivos à grafia dos seus nomes, evitando que sejam trocados. Elas acreditam também que tais procedimentos, desenvolvidos fora da sala de aula, associados a outros, explorados dentro da sala, como a cópia, e a repetição oral dos sons, de letras e sílabas, orientadas pela cartilha para alfabetização, aumentam as chances de ensinar a leitura e a escrita.

A capacitação recebida pelas professoras (Aguiar, 1994, p. 85), durante um curso rápido, foi evidentemente irrisória, em relação às técnicas e à formação escolar consideradas necessárias para um professor atuar no ensino formal. Diante dessa circunstância, imbuídas do papel de educadoras num sentido amplo, conforme acontece entre os mais velhos que transmitem conhecimentos para os mais jovens, elas também se apoiaram no conhecimento que receberam, ao longo da vida, dos seus *mestres*. Deram um passo possível e, pode-se dizer, adequado no sentido de enriquecer os trabalhos escolares, tendo em vista a alfabetização, inspiradas nesse processo tradicional e informal de ensino, que prioriza a socialização e a criatividade e está presente diariamente em todos os afazeres da comunidade. Faz parte desse processo, responsável também pela manutenção de crenças e tradições mais antigas dessa comunidade, o hábito de se fazer perguntas aos *mestres*, no intuito de reafirmar o aprendizado e acrescentar novos saberes àqueles adquiridos durante as experiências pessoais.

Considerações finais

Dentre as características que configuram a cultura do *povo da Barra*, destacam-se algumas que, pode-se dizer, definem sua identidade: a origem africana; o isolamento, agora já rompido, em que viveram durante muito tempo;

a busca da auto-suficiência associada a uma espécie de rejeição aos estranhos; a confecção própria dos utensílios necessários para a lide cotidiana; a crença religiosa, com características mescladas do catolicismo popular e do animismo; o papel de destaque ocupado pela mulher na organização sociocultural; a coleta de frutos nativos, como parte importante da alimentação; a importância atribuída aos saberes ancestrais; e a tradicional transmissão oral desses conhecimentos aos mais jovens.

Boa parte dessas características reflete os laços que ligam essa comunidade à cultura afro-brasileira, representada, também, por diversas outras comunidades formadas por negros, tais como: Mato do Tição (Gomes & Pereira, 1988), em Minas Gerais; Kalunga (Baiocchi, 1995), em Goiás; Cafundó (Vogt & Fry, 1996), em São Paulo; e Vila Bela (Bandeira, 1988), em Mato Grosso. A existência de características em comum, entretanto, não impediu o surgimento de uma diversidade sociocultural, resultante dos processos diferenciados de organização dos vários elementos que configuram o modo de vida de cada comunidade e sua visão de mundo.

O *povo da Barra* encara a natureza como parceira inseparável da vida diária. Não apenas retiram da natureza o essencial para sua sobrevivência, como ainda a religiosidade, as festas e os rituais são, de várias formas, nela espelhados. Uma forte solidariedade também marca o modo de vida da comunidade, em que todos os moradores se conhecem e são parentes, além de acreditarem na importância da consangüinidade e da manutenção da família. Defendem com empenho e determinação a manutenção da propriedade daquela terra, lugar da vida e do seu destino, conforme afirmam. A forte rejeição e desconfiança em relação aos valores, objetos e pessoas de fora representa a contraface da grande importância que atribuem à tradição, aos conhecimentos ancestrais, à independência e à liberdade.

Este trabalho priorizou o estudo de alguns aspectos importantes dos modos de transmissão e aquisição de conhecimentos, de saberes ancestrais e outros mais recentes, nessa comunidade específica — ou seja, o modo como a experiência da vida é transmitida, durante as atividades cotidianas, dos mais velhos para os mais jovens, num processo de educação informal que modela homens e mulheres, procurando torná-los preparados para exercer o seu papel

dentro daquele contexto sociocultural. Para Brandão (1983, p. 25-26), a educação

existe quando a mãe corrige o filho para que fale direito a língua do grupo, ou quando fala à filha sobre as normas sociais do modo de 'ser mulher' ali. ... A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender.

Na tentativa de captar de modo abrangente diferentes aspectos daquela realidade rica e diversificada foram utilizadas ferramentas de áreas distintas, mas não distantes, como Educação, Sociologia e Antropologia. A etnografia, por exemplo, serviu para registrar, identificar e estudar as situações em que ocorrem a transmissão e a aquisição de conhecimentos que, por sua vez, revelam o modo como os membros daquela comunidade interpretam a vida e compreendem o mundo que os cerca.

Tais procedimentos permitem, entre outros recortes, a identificação de aspectos, poder-se-ia dizer, *multidisciplinares* dessa forma de ação educativa que vem demonstrando eficácia na transmissão de saberes. Trata-se de uma *postura pedagógica* que traduz um casamento entre educação e cultura. Essa característica marcante da vida dessa comunidade exigiu, e ao mesmo tempo permitiu, uma adaptação do ensino formal, veiculado na escola implantada no local, que passou a incluir tanto outros *saberes* quanto a informalidade da transmissão desses conteúdos — configurando um processo que poderia ser chamado de *domesticação* da escola pela comunidade.

Nessa direção, foram apontados, neste trabalho, diferentes aspectos da educação informal existente entre os moradores da Barra. Observou-se, por exemplo, que o ambiente compõe um quadro propício para a transmissão e aquisição de saberes veiculados entre eles. Trata-se de conhecimentos que são passados dos mais velhos para os mais jovens, através de um processo social dinâmico, vinculado à natureza, que congrega educação e cultura; conjuga saberes, crenças e brincadeiras e integra crianças, jovens e adultos. Também foi constatado que, nesse processo, as mulheres ocupam um papel de destaque, formando os elos mais resistentes da organização sociocultural.

Os moradores da Barra da Aroeira aproveitam — para aprender e ensinar — o contexto ou ambiente em que estão inseridos. A natureza, para eles,

observadores constantes e atentos, representa uma fonte viva e dinâmica, que revela ou *coloca à disposição* diferentes informações ao longo de seus ciclos. As trocas e as interações desse convívio direto e intenso se revelam na aquisição de um olhar treinado para tecer interpretações e destacar significados que acreditam encontrar na mata. O caminhar em trilhas representa uma sofisticada rede de trocas, entre eles, e de observação e aquisição de informações típicas do 'mundo' e de vidas existentes dentro da mata.

As plantas e os animais, por exemplo, são observados e identificados em diferentes fases do seu desenvolvimento. Um aprendizado que evolui passo a passo e de acordo com cada indivíduo, e cuja evolução é *avaliada* pela comunidade e pelo próprio *aprendiz*. Trata-se de um tipo de conhecimento que requer empenho e dedicação específicos e que aos poucos vai sendo ampliado ao longo da vida.

Na Barra da Aroeira, verifica-se um *caráter coletivo* na ação educativa — que é compartilhada por todos os adultos. Estes, de uma maneira ou de outra, colaboram e participam, assumindo diferentes papéis, para garantir a transmissão dos conhecimentos. Os saberes estão expostos em todas as partes, mesmo nos afazeres mais corriqueiros, como a produção de utensílios — que é utilizada como veículo para o ensino e orientação dos mais jovens no próprio local em que está sendo realizada.

Os *mestres*, na Barra da Aroeira, não têm como pretensão tornar o *aprendiz* uma réplica sua ou uma representação de seu sonho, mas um outro conhecedor criterioso e cuidadoso à sua própria maneira. A transmissão dos diferentes conhecimentos visa, em última instância, oferecer a cada indivíduo a possibilidade de autonomia, de não depender do outro apenas por ignorar o que é necessário para a vida diária, como nos chamou a atenção o professor Paulo Freire (1967), que entendia a educação como um caminho rumo à liberdade.

De modo geral, encontra-se, naquela comunidade, reforço para a idéia de que é possível trabalhar com a educação sem separá-la da cultura, sem dividir as áreas do conhecimento em compartimentos estanques, aproveitando-se os conteúdos existentes nas atividades cotidianas, na realidade de cada grupo social, cada escola ou lugar. Pode-se, com maior facilidade, ensinar o

alfabeto ou abordar, junto com as crianças, temas como cidadania ou preservação do meio ambiente explorando-se elementos comuns, do seu dia-a-dia: a sorveteria, a lanchonete, a casa do amigo, o clube, as condições do bairro, da escola, do posto de saúde, os preços e a qualidade dos produtos do supermercado etc.

Não há entre o *povo da Barra*, entre os *educadores* de lá, sejam pais ou professoras, a intenção de produzir um saber ou organizar a educação de um modo mais ou menos formal. O que ocorre de fato é que os membros daquela comunidade simplesmente transmitem e adquirem conhecimentos, há várias gerações, de acordo com as necessidades impostas pelo contexto em que vivem. Este aspecto tradicional da sua cultura foi transportado ou adaptado para o ensino escolar, resultando numa união peculiar entre educação e cultura, que consegue amarrar diferentes faces do saber: aquelas que envolvem seus afazeres cotidianos, fortemente marcadas por valores socioculturais tradicionais, e as representadas pelo conteúdo veiculado pela escola. Esse procedimento, ou essa adaptação em mão dupla entre educação e cultura, requer daqueles *educadores* um saber em diferentes direções, que envolve a capacidade de discernir ou identificar o ponto de vista mais geral de sua comunidade, partindo de observações feitas na teia das relações socioculturais, e o conhecimento, por exemplo, da escrita, um código, em princípio, estranho à sua vida e suas necessidades.

Tanto as professoras como os próprios pais e crianças participam ativamente e se empenham nesse processo que envolve a crítica, seleção, transferência, adequação e reelaboração dos procedimentos associados ao ensino escolar, valorizando seu conteúdo, a partir de uma concepção de vida, uma história e crenças. É um momento em que se manifesta a forte coesão da comunidade no sentido de preservar sua autonomia e valorizar seus saberes. A comunidade procura, ao mesmo tempo, resguardar sua independência e encontrar alguma identificação com a nova modalidade de transmitir e adquirir conhecimentos. Partes do conteúdo e da forma do ensino escolar, assim como muitas regras do funcionamento da escola, são alteradas, o que dá a essa atividade uma *cara* muito parecida com aquele meio onde está inserida.

Obviamente, este trabalho refere-se à parte de uma pesquisa realizada em um reduto cultural específico, com características bastante particulares, não tendo, de qualquer modo, a pretensão de servir como modelo para ser aplicado de forma indiscriminada. Muitas das questões abordadas, entretanto, podem servir de inspiração para educadores, em outras realidades socioculturais ou outros contextos educacionais.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, C. M. *Educação, cultura e criança*. Campinas: Papirus, 1994.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BAIOCCHI, M. N. Kalunga: sagrada terra. In: O'DWYER, E. C. (Org.). 1995.
- BANDEIRA, M. L. *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERGER, P., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s. d. (Vida e Cultura).
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOMES, N. P. M., PEREIRA, E. A. *Negras raízes negras: os Arturos*. Juiz de Fora: UFRJF, 1988.
- OLMOSTED, M. S. *O pequeno grupo social*. São Paulo: USP, 1970.
- TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (Org.) *Comunidade e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.
- VOGT, C., FRY, P. *Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.